



BARÃO COMISSÁRIA DE CAFÉ LTDA.

Alameda Otávio Marques de Paiva, 220 – Bairro Santa Luiza

CEP 37062-670 – Varginha-MG

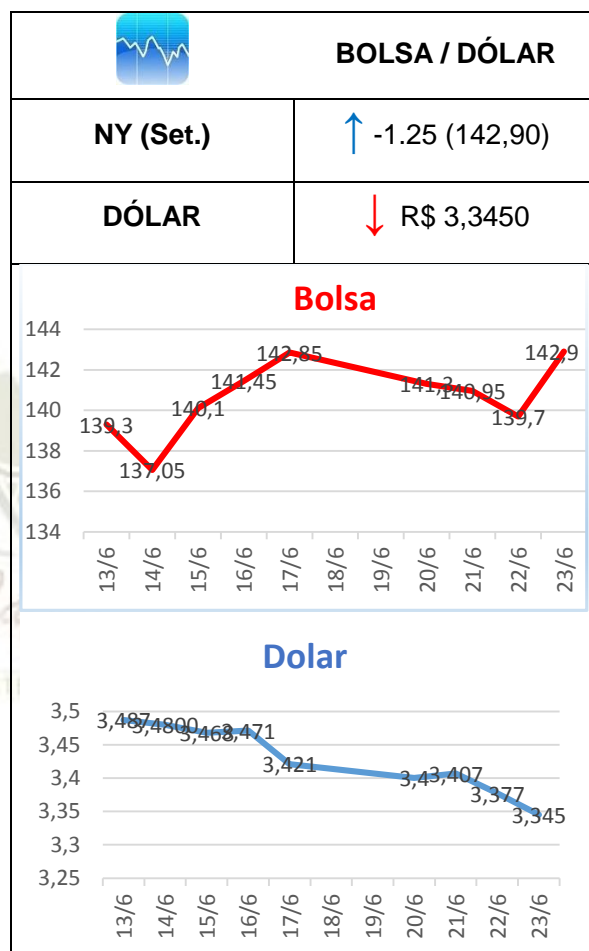
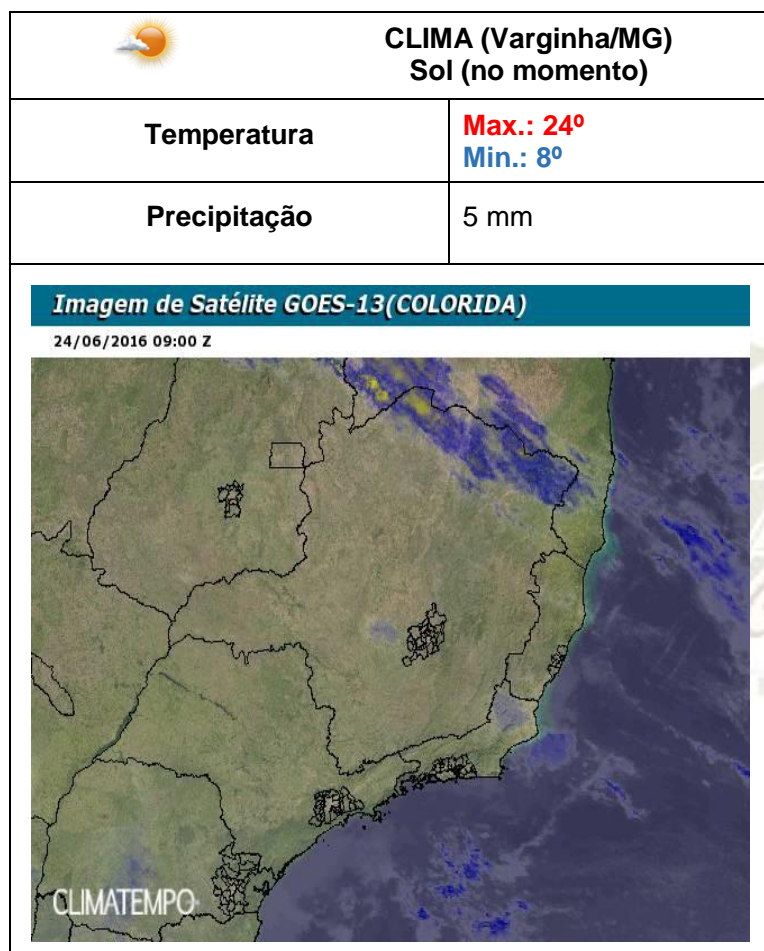
(35) 3214-7725

www.baraocomissariadecafe.com.br

www.facebook.com/baraocomissariadecafe

Gustavo_c.a@hotmail.com

Obs.: As informações aqui contidas são referentes ao dia útil anterior à data de envio



NEGÓCIOS REALIZADOS				
COMPRADOR	VENDEDOR	SACAS	PREÇO	QUALIDADE
Cooxupé	Minasul	606	R\$ 495,00	Duro – Safra 16/17
Cooxupé	Minasul	560	R\$ 510,00	Duro – Safra 16/17
Volcafé	Comerciante	560	R\$ 500,00	Duro – Safra 16/17
Volcafé	Produtor	245	R\$ 570,00	Duro – Safra 16/17 – CD
Finacafé	Prod / Coop.	3.000	R\$ 426,00	Rio – Safra 16/17

Otimismo com a safra 2016/17 de café do Brasil fica cada vez menor com chuvas causando estragos pelo cinturão produtivo

Lideranças da cafeicultura brasileira estão cada vez menos otimistas em relação à produção da safra 2016/17 do Brasil, antes estimada – em volume e qualidade – como uma das melhores dos últimos anos. Nos primeiros dias de junho, quando a maioria dos cafezais estavam próximos de serem colhidos ou os produtores já haviam iniciado os trabalhos no campo, chuvas fortes, principalmente em São Paulo e Sul de Minas Gerais, prejudicaram as lavouras.

De acordo com o presidente do Sindicato Rural de Boa Esperança (MG), Manoel Joaquim da Costa, as chuvas retiraram a proteção natural dos frutos favorecendo a maturação mais rápida e a proliferação de microrganismos. "O grão mais seco é muito mais fácil de cair do pé e se torna café de varrição. Isso afeta bastante a qualidade da bebida", explica. Além disso, "com essa situação, o produtor não consegue mais comercializar o grão como cereja descascado [que tem maior valor de mercado]", ressalta.

Sem a possibilidade de colher o cereja, os cafeicultores perdem mais de R\$ 100 por saca. Segundo Costa, a previsão é de que a produção do tipo cairá mais de 50% na região somente neste ano.

Para discutir as perdas causadas pelas intempéries climáticas, sindicatos de Minas Gerais e São Paulo convocaram uma reunião, em Cabo Verde (MG), com a Comissão Técnica de Cafeicultura da FAEMG (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais) na última terça-feira (21). O encontro reuniu cerca de 40 pessoas entre lideranças, produtores e agrônomos da região.

FAEMG reúne lideranças para discutir impactos do clima na safra 2016/17 | Foto: FAEMG

"Tudo indicava uma safra muito boa de arábica neste ano, tanto em qualidade como em quantidade, mas aconteceu essa catástrofe. As chuvas fora de hora derrubaram entre 25% a 50% dos grãos, comprometendo fortemente a qualidade da safra", afirma o diretor da FAEMG e presidente da Comissão de Cafeicultura da FAEMG e da Presidente da Comissão Nacional de Café da CNA, Breno Mesquita, que prefere ainda não fazer previsões quantitativas das perdas. Lavouras da região Sul de Minas Gerais e de São Paulo foram as mais afetadas.

A ideia da FAEMG agora é fazer um levantamento dos prejuízos em todo o cinturão produtivo de café junto a cooperativas e sindicatos para ter um panorama mais geral e, posteriormente pleitear ações do governo. "Queremos provar que houve problemas e resolvê-los. A cafeicultura brasileira não pode mais viver sem seguro e com subvenções tão baixas", pondera Mesquita.

Dentre as alternativas propostas estão a discussão do passivo, a orientação a municípios afetados para que decretem estado de emergência e, principalmente, a instrução dos produtores a terem cautela na negociação de sua produção, calculando a valoração de sua safra.

A produção da temporada 2016/17 de café do Brasil foi estimada em maio pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) em 49,67 milhões de sacas de 60 kg, um aumento de 14,9% em relação ao ano passado. A

produção do arábica é estimada em 40,27 milhões de sacas, enquanto que a de conilon, que tem queda prevista de 16% em relação à safra 2015/16, deve ter colheita de 9,4 milhões de sacas.

Clima, estoques baixos e quebra na Ásia pressionam e preço do café sobe

Com chuvas e geadas no último mês em São Paulo, Paraná e no Sul de Minas Gerais, estoques de passagem baixos para a entressafra e quebra no mercado asiático, o café brasileiro tem nova alta de preços.

De acordo com relatório do Centro de Estudos Avançados de Economia Aplicada (Cepea), as geadas atingiram lavouras de café arábica em áreas mais baixas, com perdas ainda inexpressivas.

No entanto, a grande preocupação dos produtores é a chuva – justamente no momento da colheita, o que prejudica a qualidade do grão.

“O estrago das chuvas será maior, porque compromete a qualidade e a bebida do café. Ninguém esperava na quantidade que foi. O volume [da produção da safra] deve se manter, mas certamente teremos perda na qualidade”, disse ao DCI o presidente executivo do Conselho Nacional do Café, Silas Brasileiro.

Na avaliação do analista da Markestrat, consultoria especializada em agronegócio, José Carlos de Lima, os problemas climáticos podem fazer com que o preço da saca do café de 60 quilos varie entre R\$ 480 a R\$ 520.

Para se ter ideia, o preço da saca de café chegou a R\$ 509 em 17 de março. Com o início da colheita, esse valor caiu e bateu os R\$ 452,57 em 25 de maio. Porém, com a diminuição da oferta por conta das chuvas e a geada, o valor registrado na última sexta-feira (17) foi de R\$ 492,90.

“Não sei se os produtores estão segurando o café, esperando uma alta maior de preço, ou se na realidade o que nós temos é um reposicionamento. Vejo o setor trabalhando muito mais focado em resolver o seu estrago no tamanho de produção e na colheita das próprias fazendas”, disse a diretora da Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA, na sigla em inglês), Vanusia Nogueira.

Robusta – Os polos de produção do tipo robusta também sofreram com as temperaturas e ajudaram a aumentar o preço do produto. Ao contrário de estados como São Paulo, Paraná e o Sul de Minas Gerais, o Espírito Santo tem sofrido com as secas desde o início deste ano.

Relatório do Cepea indica que, “apesar da colheita ainda estar em andamento, produtores já indicam que o estado dos pés de cafés é preocupante, uma vez que não se verifica volume considerável de chuva há quase seis meses”.

“O preço do robusta foi o que mais reagiu. Quando o valor do arábica estava mais elevado, as indústrias mudaram o blend, passaram a usar mais o robusta e que gerou a valorização”, afirmou Silas Brasileiro, do CNC. Ele estima que as perdas do robusta com os problemas climáticos variam entre dois a três milhões de sacas.

Estoques – Os estoques de passagem, utilizados na entressafra, também devem pressionar os preços e deixar o produtor com maior aporte para financiar sua produção em um período de recursos escassos e com juros mais altos. Segundo o Cepea, os estoques de passagem devem ser de quatro milhões de sacas até o fim de julho, quando se encerra o ciclo 2015/2016 -os mais baixos desde a safra 2011/2012, quando foram registrados 2,2 milhões de sacas.

O presidente do CNC, Silas Brasileiro, avalia que isso é um reflexo positivo de preços para o produtor. “Foram dois anos consecutivos de estoques baixos. Com a produtividade menor, foi uma oportunidade de vender a reserva. Isso trouxe um equilíbrio entre oferta e demanda, e esse equilíbrio vai ajudar o produtor a ter renda”, pontuou ele.

O analista da Markestrat, José Carlos de Lima, relaciona ainda a quebra de safra em países do mercado asiático, como o Vietnã, o segundo maior produto mundial, para a valorização do grão.

“Quando se pensa em um importante produtor com problemas climáticos, consumo constante e baixo estoque mundial, há uma boa oportunidade de exportação”, disse.

De acordo com dados divulgados ontem pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a safra prevista para o Vietnã em 16/17 deve ser de 27,3 milhões de sacas, queda de dois milhões ante 15/16, “devido a altas temperaturas e condições secas”.

Fonte: DCI (Fernando Barbosa) via CNC

